

RESENHA

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.finitude>  
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

*Recebido em: 09/05/2023*  
*Publicado em: 03/07/2023*

## **Finitude e ética do cuidar: Diálogos entre a filosofia e as práticas bioéticas**

**Gustavo Joaquim Marques Martins Machado<sup>1</sup>** 0009-0009-6274-536X

**RESUMO.** O presente trabalho visa apresentar e debater as ideias expostas pelo professor Newton Aquiles von Zuben, sobre a ética do cuidar em consonância, dentre outras coisas com a filosofia existencialista; somada a possíveis leituras e entendimentos de uma ética pautada por um entendimento materialista, ou seja, um entendimento que diz respeito ao existir concreto do humano em suas várias formas de existência. Assim, o trabalho se inicia apresentando parte de um dos diálogos de Epicuro a seu amigo Meneceu para darmos início a discussões sobre a finitude e como lidar com ela. Disso seguimos para um caminho que tenta sair de vieses idealistas sobre o humano para pautá-lo no existir sociomaterial. Disso dialogamos com o professor Zuben para entrelaçar estes pensamentos a um fazer filosófico e de práticas voltadas ao cuidar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética do cuidar, Filosofia, Bioética, Psicologia, Cuidados.

### **ABSTRACT:**

The present work aims to present and discuss the ideas presented by professor Newton Aquiles von Zuben, about “care ethics” in line among other things, with the existentialist philosophy;

---

<sup>1</sup> Bacharel em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (2018), Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (2021), pós-graduado em Neuropsicologia pela UniFaveni (2022) e atualmente é doutorando pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPI) da Universidade Estadual de Maringá. Dentro da Psicologia, Tem experiência em pesquisas sobre a Morte e fenômenos a ela relacionados (luto, suicídio, eutanásia, suicídio assistido, ortotanásia, distanásia), História da Psicologia e Abordagens Fenomenológico-Existenciais. Na Filosofia, realizou pesquisas sobre História da Filosofia, Filosofia Medieval e Antiga, e Ética das Virtudes. E-mail: [gustavo.joakim@hotmail.com](mailto:gustavo.joakim@hotmail.com)

## RESENHA

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.finitude>

[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

added to possible reading and understandings, that is, an understanding that concerns the concrete human being in its various forms of existence. Thus, the work begins by presenting part of one of Epicurus dialogues to his friend Meneceus to start discussions about finitude and how to deal with it. From there, we follow a path that tries to leave idealistic biases about the human to guide it in the socio-material existence. From this, we dialogued with Professor Zuben to interweave these thoughts to a philosophical doing and practices dealt with caring.

**Keywords:** Care ethics, Philosophy, Bioethics, Psychology, Care.

## INTRODUÇÃO

Todos vamos morrer e essa é uma condição inalienável a todo existente. Entretanto, para nós humanos, antes desse fatídico momento, estaremos existindo e da única maneira pela qual compreendemos esse existir, através da experiência concreta, real, corpórea no mundo, mediada por uma consciência que apreende este mundo, se relaciona com outros indivíduos que partilham a existência conosco, e se relaciona consigo mesma.

Um dos textos mais bonitos da História da Filosofia, escrito em formato de carta pelo pensador helênico, Epicuro e direcionada a seu amigo Meneceu, fala sobre isso: a consciência de que há uma finitude para esta vida. Na carta, há uma celebre frase que diz: “[...] a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos”<sup>2</sup>. Ou seja, a sugestão de Epicuro a Meneceu era de que, dentro do possível, deixasse de lado a preocupação com a morte e focasse nas possibilidades ainda existentes.

A argumentação de Epicuro é perspicaz, mas muitas vezes difícil de ser vivida quando pensamos na possibilidade de não haver mais nada, para nós, ao partirmos. Talvez por isso acentue-se, na contemporaneidade, uma tentativa de afastarmo-nos o máximo possível da morte – não somente a nossa, mas a dos outros também. Em muitos momentos deixamos de pensar sobre o futuro, porque sabemos que com ele haverá perdas; ao mesmo tempo, no mundo Ocidental, tenta-se com muito afinho desenvolvermos formas de nos aparentarmos como

---

<sup>2</sup> Epicurus. **Letter to Menoeceus**. Disponível em: < <http://classics.mit.edu/Epicurus/menoec.html> >. Acesso em 14/06/2022.

## RESENHA

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.finitude>

[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

jovens; e até mesmo a morte dos outros precisa ser contida e evitada a todo custo, sem questionarmos sobre qual a qualidade dessa vida que estamos tentando manter.

Falar sobre a morte é, em muitos aspectos, também falar sobre a vida. De um certo ponto de vista mais contemporâneo, podemos pensar que a carta de Epicuro se aproxima do que hoje chamamos de uma visão materialista sobre a existência: vida, mundo, cosmos – conceitos centrais na obra do filósofo helênico. Em seus escritos, percebemos que Epicuro rejeitava a ideia de uma alma imaterial ou quaisquer aproximações com ideias não fisicalistas sobre a vida, deixando de lado, ainda, a ideia de uma possível presença ou influência dos deuses na vida dos homens. Sua filosofia se debruçou, portanto, em aspectos puramente humanos, direcionando suas reflexões para uma ética dos prazeres, para reflexões sobre a amizade e sobre o descanso<sup>3</sup> - elementos hoje em dia aceitos como fundamentais para uma boa saúde mental.

Se fizermos então o esforço de trazer a discussão epicurista sobre a vida para os dias atuais, poderíamos pensar, dentre outras possibilidades, em aproximações de sua filosofia com o a ética do cuidado (*care ethics*) discutida pelo professor Newton Aquiles Zuben (2012). O professor da PUC de Campinas apresenta em um de seus artigos submetido à revista Síntese, uma série de conceitos extraídos de reflexões existenciais que podem nos auxiliar a pensar o cuidado em ciências da saúde, ampliando o espaço para a articulação de ideias e humanização da bioética, voltando a análise para um espaço de cuidado frente ao outro – em especial, em Zuben (2012), para aqueles que estão em situação terminal de vida.

Intencionalmente ou não, Zuben (2012) retoma, através de seu artigo, ideias que já eram expressas na obra de Epicuro, apesar de este não ser um filósofo existencial. O viver corpóreo, material, biológico se apresenta, em ambos os autores citados, como primeira instância do existir, estando receptivo aos prazeres, mas também vulnerável ao sofrimento. Este último, faceta inescapável da vida, mas que poderia ser diminuída (ou, ao menos, não “alimentada”) em prol de alcançarmos uma vida feliz, segundo o filósofo helênico; busca concreta a fim de

---

<sup>3</sup> DIANO, Carlo.: **Epicurus**. Disponível em: < <https://www.britannica.com/biography/Epicurus> >. Acesso em 15/05/2022

RESENHA

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.finitude>

[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

um viver minimamente aceitável para muitos e muitas pessoas em situação de doença terminal, quando pensamos a ética dos cuidados, de Zuben.

## **EXISTÊNCIA, ÉTICA E FILOSOFIA**

Enquanto humanos, somos constituídos por um corpo biológico dotado de um certo tipo de consciência que nos permite entrar em contato com o mundo. Esta consciência, apesar de impalpável, não é algo abstrato ou que exista em outra dimensão de forma autônoma e desconectada do corpo. Somos, nas palavras de Sartre (1938), uma unidade psicofísica. Isso significa que o pensamento contemporâneo, pôde resolver muitos entraves psicológicos ao pensar a existência humana em toda sua complexidade não separando de um lado, o corpo; e de outro, a mente, mas buscando apresenta-los como duas partes do humano que existem em constante e indissolúvel relação (SARTRE, 1943). Contudo, é na medida que existe um corpo que poderá haver uma consciência, logo, reforçamos um entendimento materialista sobre o humano. Primeiro existimos, depois nos “construímos”, ou seja, buscamos no mundo aquilo que nos preencherá em termos de sentido de vida: crenças, valores, vontades, etc. Esse é o significado da máxima do filósofo francês, quando diz que “a existência precede a essência” (SARTRE, 1997, p. 13).

Cabe frisar que quando se pensa em um existir material, em termos psicológicos e/ou filosóficos, não estamos pensando no mesmo “material” das ciências da natureza. O termo material aqui não diz respeito a preocupação de uma determinada composição em termos de percentuais de moléculas de Carbono, Hidrogênio, Oxigênio, Nitrogênio, Fósforo, Enxofre e Água, como um produto de algumas reações bioquímicas que nos permitem existir como existimos. Também não se trata, em oposição, de refutar as ciências biológicas e negar a existência de processos fisiológicos. A ênfase, aqui, recai em deixar estes conhecimentos sobre um objeto de pesquisa (o humano) em suspenso e podermos compreender este “objeto” não mais como um ser passivo, mas cheio de possibilidades. Ou seja, a ideia é aproximarmo-nos desse *Outro* como ele se apresenta: algo exterior a mim, mas que é necessário para o estabelecimento de uma relação. Aqui abre-se espaço para a afetividade.

RESENHA

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.finitude>

[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

Se retomarmos o pensamento de Zuben (2012), podemos perceber em seu artigo uma preocupação que extrapola os limites da ciência biofisiológica, buscando fundamentar o “problema” do cuidado e da vulnerabilidade sob um olhar humanista, na tentativa de pensar uma ética do cuidado. A Ética é campo do saber filosófico que não existe somente na especulação, ela solicita ação. Esta relação pode ser encontrada desde sua etimologia: ética é uma palavra derivada do substantivo grego ‘*ethos*’ o qual possuía duas acepções ou origens: a primeira, escrita com a letra Eta inicial (*ἦθος*), dizia respeito ao conjunto de costumes normativos de um grupo; a segunda, iniciada em Epsilon (*ἔθος*), se referia a constituição do comportamento do indivíduo. *Ethos*, assim, significa *moradia* simbólica das pessoas, ou ainda, as atitudes que as fazem sentirem-se em casa, pertencentes e participativas a algo (VAZ, 1999, p. 13).

Deve-se pensar, portanto, que ética diz respeito a uma área *prática* da filosofia. Aqui, a reflexão sobre o *como* existimos e *como* nos relacionamos se faz fundamental para que se possa analisar “para onde” direcionarmos nosso existir. Assim, por intermédio da consciência anteriormente citada, podemos pensar outras duas dimensões da existência: a facticidade, ou seja o fato concreto de nosso existir – estamos inseridos em uma dada realidade que é anterior a nós e que nos influenciará em diversos setores: língua, costumes, cultura, valores, etc. Ela – a facticidade – diz respeito a algo que nos é dado sem termos a possibilidade de escolhe-lo. Esta facticidade possui alguns aspectos que podem ser alterados, no sentido de ampliarmos nossas possibilidades de ação no mundo (como por exemplo o que iremos fazer com tudo o que fizeram conosco), mas outros se mantêm mais estáveis (como por exemplo a família, a língua, a realidade socioeconômica, etc. ou seja, coisas que saem do meu controle individual).

Por outro lado, temos a capacidade de transcendência, característica da consciência que nos permite “sair de nós mesmos”, direcionando-nos ao mundo, aos objetos, às pessoas, etc. de forma intencional, visando um determinado fim, ligado à afetividade anteriormente citada. É por meio da capacidade de transcendência que damos sentido à vida. Nas palavras de Zuben (2012, p. 437): “O sentido é, ao mesmo tempo, o ‘órgão corporal’ que nos permite o contato com o outro (visão, audição, tato etc.), a significação do dado oferecido aos ‘sentidos’ a direção das coisas em relação ao meu corpo.”

RESENHA

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.finitude>

[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

## **HORIZONTES SOBRE O CUIDADO**

Mas diante de toda a reflexão apresentada até aqui sobre existir, qual o papel da citada ética do cuidado? Como pensa-la com relação a busca por nos afastarmos do sofrimento conforme sugerido por Epicuro? Esses temas se tangenciam se formos analisar a questão do cuidado frente ao existir do outro.

Se retomarmos o ponto de partida do presente texto, lembraremos do fato que somos finitos, logo, estamos falando sobre o fim da única experiência que possuímos sobre a realidade, do modo como a conhecemos: através dos sentidos e da consciência que dão significado ao existir. O fim da possibilidade de podermos continuar experienciando o mundo da forma como hoje o fazemos é algo que tende a nos causar aflição.

É no sentido de repensar essa aflição que Epicuro argumenta em sua carta. Temos ali um convite à reflexão ou ainda uma racionalização sobre o que, de fato, nos causa mal estar ao pensar na morte. Nossa grande dificuldade, diz Epicuro, está na imaginação de que vamos experimentar algo que, a partir de nossa existência atual, causa incomodo, como a escuridão, o vazio, a solidão, etc.

Contudo, só conhecemos um modo de ser, de existir e de sentir: este que conhecemos hoje e o reconhecemos por meio de nosso corpo. Há uma ausência de referencial sobre “o que vem depois que isso aqui (a vida) acaba?”. É precisamente a ausência de certeza sobre o que nos espera (se é que algo nos espera) que tende a causar medo. Um renomado escritor norte-americano certa vez disse que: “a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte de todos os medos é o medo do desconhecido”<sup>4</sup>. Talvez aí encontremos a chave para o medo universal sobre a morte. E é no ponto central de nossa experiência de medo que Epicuro nos diz que esse medo é ilusório. Não haverá mais capacidade

---

<sup>4</sup> Lovecraft. H. P. (1973): *Supernatural Horror in Literature*. Dover Publications; Revised edition. Cf também: <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/acref/9780191826719.001.0001/q-oro-ed4-00018552#:~:text=H.%20P.%20Lovecraft%201890%E2%80%93931937&text=The%20oldest%20and%20strongest%20emotion,is%20fear%20of%20the%20unknown>>. Acesso em 29/11/2022

RESENHA

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.finitude>  
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

de consciência (ao menos como temos enquanto vivos), assim, a aflição se dá, para ele, pela ansiedade frente a finitude e não enquanto ao morrer em si.

Em termos contemporâneos, o ato de racionalizar tende a nos afastar da experiência concreta do sentir, presente no que Sartre chamará de consciência emocionada, aquela que nos dá uma percepção sobre nós mesmos no momento vivido, porém sem reflexão sobre isso que se sente. A consciência emocionada possui um caráter um tanto quanto mágico, nos fazendo, por vezes, distorcer o que a realidade apresenta. Assim criamos vieses, tal como o medo de: “o que haverá além desta vida?”. Talvez nada, pois, para ambos os filósofos, após a morte não há consciência, logo, não há o que temer, pois nada pode, de fato, afligir. Ali nos tornamos, nas palavras de Sartre, transcendência transcendida, ou seja, a abertura que me permite todos estes questionamentos já não é mais algo presente, findam-se as possibilidades de escolha.

Em contraposição ao belo argumento epicurista, muitos autores após Epicuro pontuam – e aqui penso notadamente no historiador Philippe Ariès<sup>5</sup> – que são muitas vezes o pensar diante da morte, ou mesmo as práticas que podem girar em torno do morrer, como a violência, o adoecimento, o abandono, etc. que nos levam ao medo e a ansiedade frente ao morrer. Esse é o argumento Hobbesiano para a presença do Estado, por exemplo. Se estamos todos livres – teoricamente – e lançados a própria sorte em um mundo de recursos finitos, o mais provável é que irá instaurar-se uma guerra de todos contra todos. Nesse cenário surge o Leviatã, monstro simbólico, porém necessário para possibilidade do viver em sociedade.

Sartre também chama atenção para essa discussão na primeira metade de seu *Crítica da Razão Dialética* (1957/2002). Ali o problema da violência e da falta de alteridade se mostram presentes não como algo inerente, natural ou “essencial” aos seres humanos, mas como produto de uma realidade dura. Há dificuldade em haver alteridade com o outro, haja vista que ele limita meu projeto de existência<sup>6</sup> e também é limitador do meu acesso aos recursos finitos existentes. Dessa forma, Sartre pontua que toda a violência é (tida/experimentada) como contra-violência.

---

<sup>5</sup> Cf. Ariès, P. O homem diante da morte. Editora Unesp, 2014; e ARIÈS, Philippe. História da Morte no Ocidente

<sup>6</sup> Ideia presente na peça teatral *Entre quatro paredes* (fr. Huis Clos) de Jean-Paul Sartre, manifesta na frase que se popularizou: “O inferno são os outros”

RESENHA

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.finitude>  
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

O argumento se explica da seguinte maneira: todos nós temos projetos para nossa vida, sejam eles os mais simples, como algo que se queira comprar; sejam maiores, como o que quero construir para minha vida. Contudo, o simples fato de que tenho que dividir o mundo (e com ele os recursos, os ideais, a vida em geral) com outros faz com que os projetos dos outros, concretizados em suas escolhas, esbarrem em meus projetos pessoais, muitas vezes limitando minhas possibilidades. Assim, sinto o projeto dos outros como uma violência por limitar meus projetos e minhas escolhas, logo, preciso me articular para que eu possa fazer com que meus projetos sejam efetivamente realizados. Vida é enfrentamento.

Assim, diante do medo e do receio que o outro pode nos causar sob qualquer âmbito, tendemos a nos fechar para a experiência do outro com olhar de solidariedade. E é evidente que nossas práticas sociais (políticas, econômicas, etc.) tendem a reforçar este olhar de que o outro é, “de fato”, alguém que pode me afligir. Isto nos pode nos afetar na medida em que nos vemos vulneráveis frente ao outro e frente as condições de fragilidade dos outros – qual não foi a comoção que a pandemia do novo corona vírus, em 2020, não nos causou diante do alastramento do número de mortos e das condições de lidar com o luto de diversas famílias ao redor do planeta (e com elas a disputa pelos recursos).

Como frisado por Zuben (2012, p. 438), já é discutido em todo o planeta, através da UNESCO, na Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (2005), princípios quanto ao cuidar. Dentre eles, o respeito à vulnerabilidade humana. Segundo esse princípio, tem-se como base o “respeito, o cuidado e a proteção do outro e do vivente em geral, sobre a base da constatação universal da fragilidade, da finitude e da mortalidade dos seres.” (KEMP, RENDTORFF, *apud* ZUBEN, 2012, p. 438). Entretanto, cabe a crítica apresentada pelo professor da PUC de Campinas sobre a plausibilidade de se pensar esse princípio além do ideal proposto, reverberando-o na possibilidade de pensar sobre essa vulnerabilidade.

Esse conceito de vulnerabilidade se presta a interpretações diversas, na sociedade contemporânea. Na realidade, essa sociedade se mostra como orientada por uma agenda que pretende reduzir, e até mesmo eliminar, toda vulnerabilidade, vale dizer, o sofrimento, a anormalidade, as incapacidades, visando às ações e iniciativas para o aperfeiçoamento dos seres humanos. Nessa situação entre a luta pela imortalidade e a finitude da presença terrena do humano que sofre, a vulnerabilidade poderia ser o fator de equilíbrio. (ZUBEN, 2012, p. 439).

RESENHA

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.finitude>

[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

Para se pensar essa vulnerabilidade do humano, é necessário retomar um entendimento de alteridade frente ao outro humano, o que nos permite escapar de definições ou monitoramentos padronizados de cuidado e evidenciarmos a faceta ética do pensar sobre a ação que pode afetar o coletivo. Ariès (2012) exemplifica um modelo de padronização do cuidado ao apresentar o conto “A morte de Ivan Ilitch”, de Tostói. Na narrativa, somos apresentados a história de um sujeito adoecido que é privado de saber sobre sua condição, seja pelos trabalhadores da saúde, seja por seus familiares, por pensarem que ao não serem transparentes sobre a condição do enfermo estariam privando-o de um sofrimento – sem se atentarem que, com isso, alienam-no da possibilidade de saber sobre sua condição, deixando-o mais e mais incomodado, até o momento em que se recusa a falar com aqueles que, teoricamente, estariam na posição de cuidadores.

É fundamental pensar a pessoa em sua vulnerabilidade necessitando de formas de proteção e cuidado para com a sua integridade, o que deve possibilitar um retorno a sua capacidade de autonomia. A partir disso, retomamos a discussão existencial: coabitamos um mundo com outros indivíduos, ou, em termos conceituais, somos um *ser-no-mundo-com-o-outro*. Diante de nossa condição humana, estamos sujeitos a sermos afetados pelas experiências com um mundo, se não pela intencionalidade de lançarmo-nos à vida; pela vulnerabilidade diante das vicissitudes do existir. É aqui, no espaço da vulnerabilidade, que Ricoeur (2004) nos aponta o pensar sobre a relação do profissional da saúde para com seu paciente/cliente.

Para além de seu caráter fatural, o estado de vulnerabilidade do paciente enfermo pode ser compreendido como um valor ético relevante – um apelo ao cuidador em dirigir-se ao doente – como uma forma de acolhimento do outro que constitui a expressão ética de sua dignidade e de sua responsabilidade de ser humano (ZUBEN, 2012, p. 441)

Aqui, a proposta da ética do cuidado é atrelada a uma perspectiva “existencial e antropológica” (IBIDEM). Isso quer dizer, traçar as condições da realidade do outro, presando pelo respeito a sua singularidade, visando uma redução da verticalização do poder do cuidador – aquele que sabe, previamente, o que a pessoa cuidada precisa – em direção a uma tentativa de horizontalização da relação cuidador x cuidado, na qual possa haver espaço para a validação do cuidar de maneira individualizada por meio dos cuidados paliativos (ZUBEN, 2012).

RESENHA

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.finitude>

[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, então, que é fundamental para uma ética do cuidar o pensar sobre a vulnerabilidade desde outro que precisa de amparo. O pensar que este outro necessita ter garantidos sua possibilidade de autonomia, integridade e dignidade, que, de forma interdependente podem nos auxiliar a pensar e repensar nossas práticas em saúde e em cuidados, partindo de uma ótica da ética (ZUBEN, 2012). Vale lembrar que não estamos aqui pensando, em consonância com Zuben (2012) em uma pressuposição teórica que se pretende universal, mas conceitos que podem nortear nossas práticas.

É na possibilidade de respeito a autonomia, a subjetividade e afetividade do paciente que se devem pautar as práticas que intervêm no cenário dos tratamentos paliativos regidos sob a ótica de uma ética do cuidar. É nesse espaço que abre-se a possibilidade do encontro entre dois como possibilidade participativa e integrante da vulnerabilidade do outro através do encontro. Nas palavras de Zuben (2012, p. 453): “O respeito da pessoa, na medida em que é o reconhecimento de sua dignidade de ser humano, se torna o fundamento do encontro. A vulnerabilidade mobiliza a vigilância ética pelo cuidar do outro.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arriès, P. (2017): **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Arriès, P. (2014): **O homem diante da morte**. Editora Unesp.

Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos. Disponível em: < [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao\\_univ\\_bioetica\\_dir\\_hum.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_univ_bioetica_dir_hum.pdf) >. Acesso em 16/06/2022.

Diano, C. (2002): **Epicurus**. Disponível em: < <https://www.britannica.com/biography/Epicurus> >. Acesso em 15/05/2022

Epicurus. **Letter to Menoecus**. Disponível em: < <http://classics.mit.edu/Epicurus/menoec.html> >. Acesso em 14/06/2022.

RESENHA

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.finitude>  
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

Lovecraft, H. P. (1973): *Supernatural Horror in Literature*. Dover Publications; Revised edition.  
<<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/acref/9780191826719.001.0001/q-oro-ed4-00018552#:~:text=H.%20P.%20Lovecraft%201890%E2%80%931937&text=The%20oldest%20and%20strongest%20emotion,is%20fear%20of%20the%20unknown>>. Acesso em 29/11/2022

Ricoeur, P. (1968) **História e Verdade**. Rio de Janeiro: Forense.

Sartre, J-P. (2019): **A Náusea**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 25ª edição.

\_\_\_\_\_. (1997): **O Ser e o Nada**. Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução e notas de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ .Editora Vozes

\_\_\_\_\_. (2002): **Crítica da Razão Dialética**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. DP&A Editora.

Vaz, H. C. L. (1999): **Escritos de Filosofia IV**: introdução à ética filosófica 1. Edições Loyola. São Paulo – SP.

Zuben, N. A. (2012): Vulnerabilidade e finitude: a ética do cuidado do outro. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 39, n. 125, 2012, pp. 433 – 456.